

OTASE

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DA ÁSIA DO SUDESTE

Tradução e adaptação do Ten-Cel OCTAVIO AGUIAR DE MEDEIROS,
Oficial de EM.

I — PAÍSES MEMBROS

França, Inglaterra, Estados Unidos da América, Austrália, Nova Zelândia, Filipinas, Paquistão e Tailândia.

II — FINALIDADES DO TRATADO

As finalidades da Organização estão consubstanciadas nos três pontos seguintes:

1. Ação contra a subversão comunista (Finalidade principal);
2. Formação de uma aliança militar contra a agressão comunista no SE Asiático;
3. Promoção do desenvolvimento econômico e da elevação dos padrões de vida nas nações asiáticas subdesenvolvidas de forma a anular as condições que facilitam a disseminação da ideologia comunista.

III — O TRATADO

O documento fundamental que rege a Organização em causa foi assinado em Manila, no dia 8 de setembro de 1954 (razão por que é denominado "Pacto de Manila"), e entrou em execução em 19 de fevereiro de 1955. Compreende três documentos básicos, que são:

- O Tratado de Defesa Coletiva para a Ásia de SE;
- O Protocolo Anexo ao Tratado, que diz respeito ao Cambódia, ao Laos e ao Vietnã Meridional, Estados a que se aplicarão as disposições constantes dos arts. III e IV do Tratado de Defesa Coletiva;
- A Carta do Pacífico que contém, apenas, uma declaração de princípios por parte das nações partícipes.

De acordo com os termos do Tratado, cada uma das partes reconhece que a agressão armada, na área coberta pelo Tratado (Pacífico SW, ao sul dos 21° 30'N), contra qualquer uma das nações-membros ou

contra qualquer Estado ou território designado segundo as disposições do art. III, porá em risco a sua paz e segurança, e concorda em agir para enfrentar o perigo comum, "dentro de seus princípios constitucionais". As Partes se comprometem, também, a estabelecer as medidas necessárias à defesa comum, na eventualidade de uma ameaça (que não o ataque armado) à soberania ou independência de qualquer dos países membro, ou do Estado ou Território designado a cooperar para desenvolver as suas capacidades de resistir a um ataque armado e a ações subversivas, e a desenvolver medidas econômicas destinadas a aumentar o bem-estar social.

O tratado deverá vigorar indefinidamente e se qualquer das partes desejar retirar-se, poderá fazê-lo um ano após haver notificado às demais dessa sua intenção.

Em apêndice ao Tratado há uma interpretação dos EUA, segundo a qual a agressão de que trata o art. 4 (1) refere-se, tão somente, à agressão comunista. Não obstante, na eventualidade de uma agressão de outra natureza, poderá haver uma consulta, calcada nas disposições do mesmo art. 4 (1).

IV — CONSIDERAÇÕES GERAIS

Pode-se dizer que o Tratado do SE Asiático nasceu sob o impacto da desastrosa Guerra da Indochina, onde a inabilidade em conseguir-se a formação de uma frente comum contra os comunistas do Vietminh redundou no fracasso para as armas francesas, na secessão do Vietnam e no abandono do SE da Ásia por parte da França.

A idéia da Aliança partiu do então Secretário da Defesa dos EUA, John Foster Dulles, e visava à participação de todos os países fracos e instáveis daquela parte do mundo, a fim de criar uma forte união contra a ameaça comunista.

A congregação de todos esses países, entretanto, não foi possível, uma vez que a Índia, Burma e o Ceilão preferiram persistir na sua política neutralista, por eles julgada mais vantajosas, e o Laos, o Cambódia e o Vietnam do Sul, por força do Acôrdio de Genebra, de 1954, foram impedidos de participar de quaisquer alianças de caráter militar.

Ficou o Pacto, assim, reduzido a 8 nações, das quais apenas 3 podem, efetivamente, ser tratadas como asiáticas.

A importância da Organização é óbvia e os resultados que dela poderão advir interessam não só às nações que dela participam, mas a todo o mundo livre. No que toca a essas nações integrantes há, sem dúvida, um interesse comum que prevalece sobre todos os demais. Mas, a par deste interesse comum, temos que reconhecer a existência de outros, peculiares a cada um dos países-membros.

Para as grandes potências que a integram, basta que meditemos sobre o que significaria o contrôlo, pelos vermelhos, do Oceano Índico

e, ainda pior, de tôdas as novas nações que compõem, hoje, o saliente sul-oriental da Ásia. O perigo dessa expansão cresce dia a dia com os sucessos que os comunistas vão ali obtendo, embora lentamente, havendo já quem considere perdidos para o mundo livre o Laos, o Cambódia e, o que é mais grave, a imensa — e estrategicamente bem situada Indonésia.

A Inglaterra, não obstante haver libertado grande parte de seus domínios naquele canto do mundo, e esteja tratando da libertação de outras possessões que ali ainda mantém, através da integração desses territórios na Federação de Malaia (Malaia, Singapura, Sarawak, Borneo Setentrional e Brunei) a ser criada em 1963, possui ainda interesses importantes em tôdas as nações que constituíram o seu vasto império na Ásia e nos territórios remanescentes, principalmente em Singapura e Hong Kong.

De parte da França, muito embora tenha ela perdido tôdas as possessões asiáticas, compreende-se a necessidade que tem em manter na Ásia a sua presença, necessidade que decorre não só da sua condição de grande potência, como das responsabilidades que tem perante o mundo ocidental.

Para os EUA, a Organização representa mais uma forma de apoio à ação anticomunista em que se acham empenhadas em tôdas as partes do mundo, não só através da ajuda militar, mas, principalmente, pela econômica. A luta contra a expansão comunista naquela área significa para os EUA a preservação da sua presença militar ali. Eles têm necessidade de manter o controle de todo o extenso cordão de ilhas que se situa a E e SE da Ásia, formando como que uma couraça protetora, e que constitui, em última análise, a cobertura longínqua do seu flanco. Esse cordão protetor é hoje constituído pelo Japão, Okinawa, Formosa, Filipinas e Austrália e Nova Zelândia, já que a Indonésia se orienta, cada vez mais, para o bloco vermelho.

Este controle é considerado naturalmente, sob o ponto de vista de se conseguir manter aqueles países fortemente vinculados ao Ocidente e economicamente fortes para enfrentar a expansão do comunismo, de modo a possibilitar aos EUA a manutenção de bases militares que permitam a intervenção imediata de suas forças navais, aéreas e desembarques, onde se tornar necessário.

As Filipinas, estão ligadas por laços muito estreitos, econômicos, culturais e mesmo sentimentais, aos EUA. O país tem uma grande necessidade de paz e segurança para completar o seu desenvolvimento econômico.

O arquipélago filipino, pela sua posição geográfica, será sempre a primeira etapa num avanço asiático para o sul, e constitui, em combinação com Formosa e com o Japão, a peça mestra da estratégia do Pacífico.

O comunismo, como partido, tem pouca expressão nas Filipinas, mas a sua expansão em tôda a Ásia é preocupação constante para o Governo do país. Outros motivos de inquietação são os freqüentes apelos lançados por Nasser à grande população muçulmana (2.000.000 de almas), que habita o sul do arquipélago, para que preste obediência espiritual ao Cairo, e a atual política interna e exterior do Presidente Sukarno, da Indonésia, que já o levou a apossar-se da Nova Guiné e a uma vinculação muito forte com a China Vermelha e com a Rússia.

Em última análise, as Filipinas precisam enormemente do apoio e da segurança que lhes conferem os EUA, tanto quanto êstes necessitam das bases militares que lá mantêm, como vanguarda na sua frente do Pacífico.

A Tailândia, juntamente com Burma, sua vizinha, talvez seja o país sujeito a maior pressão externa do comunismo, no SE da Ásia. Fica muito próxima do Vietnam, onde a luta pela prevalência do comunismo, no sul, se desenvolve arduamente, e da própria China Popular. Está cercada pelo Laos, em cujo neutralismo pouco acredita, e pelo Cambódia, cujo governo vem, repetidamente, criando incidentes imaginários de fronteiras, como pretexto para justificar uma aproximação cada vez maior com os comunistas. Além disso, existe na Tailândia um grande número de chineses, e uma população de laocianos que se acredita ser maior que a do próprio Laos. Existem, pois, razões muito fortes de preocupação para os governantes tailandeses, que desejam manter o país fora da área de influência comunista.

O Paquistão sofre, também, pressões que justificam, plenamente, o seu interesse em participar da OTASE. Dentre as pressões de ordem exterior podemos alinhar as questões que mantém com a Índia, sôbre a província de Cachemira e a repartição das águas do rio Indus, bem como a invasão periódica de seu território por parte de tribos nômade, quase selvagens, oriundos do Afeganistão. Além disso, a proximidade de suas fronteiras em relação aos territórios russo e chinês, constitui uma preocupação constante.

Todos êsses problemas obrigam o Paquistão a gastos militares excessivos, que chegam a consumir mais de 60% do seu orçamento anual.

O Paquistão apresenta a originalidade de ter o seu território dividido — Paquistão Oriental e Paquistão Ocidental — separadas, as duas partes, pela imensa largura do território indiano. O Paquistão Oriental é superpovoado e apresenta um deficit de produtos alimentícios enorme. O seu isolamento e a proximidade em relação à China Comunista são fatores de inquietação permanente para os governantes paquistaneses.

Quanto à Austrália e à Nova Zelândia, temos que levar em conta os laços que as ligam ao Ocidente e o desejo de se prevenirem contra o avanço comunista.

V — O INSTRUMENTO EXECUTIVO DA ORGANIZAÇÃO

O órgão destinado a examinar as questões relativas à aplicação é o Conselho da OTASE.

Este Conselho tem em sua competência todos os assuntos que interessam à Organização, inclusive os de caráter militar, e está organizado de forma a poder reunir-se tão logo se torne necessário. Compõe-se dos Ministros das Relações Exteriores de todos os países-membros, e obriga-se a realizar, pelo menos, uma reunião anual, em local (Capital de uma das Nações do Pacto) e datas fixadas com antecedência.

Cada um desses Ministros é assistido pelo embaixador de seu país em Bangkok e por um Oficial-General que exerce as funções de Conselheiro Militar.

Os embaixadores dos países-membros, em Bangkok, reúnem-se e deliberam em conjunto, sobre assuntos de natureza civil. Sua competência vai até onde começam as prerrogativas governamentais das diferentes nações integrantes do Pacto. Essa "Comissão" de embaixadores é dirigida por um Secretário-Geral, cargo que vem sendo ocupado, desde que a Organização entrou em funcionamento, pelo eminente estadista tailandês Nai Pote Sarasin.

Os Conselheiros Militares são Oficiais-Generais da mais alta categoria, tendo sido estabelecido que pertenceriam, pelo menos, ao nível de Chefe de Estado-Maior Geral.

Os Conselheiros Militares não permanecem reunidos em Bangkok, mas normalmente, nas Capitais dos países a que pertencem, sendo que o norte-americano tem a sua sede em Honolulu. Mas em Bangkok funciona um Bureau Permanente de Estudos Militares (BPEM), espécie de estado-maior, onde trabalham cerca de 30 oficiais, com representações iguais dos vários países, o qual prepara as reuniões dos Conselheiros Militares e encaminha a execução das suas decisões.

Os Conselheiros Militares reúnem-se, normalmente, duas vezes por ano, uma a sós e outra com o Conselho da OTASE. O BPEM faz o dobramento das ligações diretas e assegura a continuidade dos trabalhos.

A OTASE não dispõe de forças militares próprias. Em caso de emergência que justifique o emprêgo de força, contará com os recursos militares de todos os países que a integram, reunidos sob um Comando da Organização.

Desde o seu nascimento, a OTASE só teve oportunidade de intervir militarmente uma vez, mas sua atuação foi quase inexpressiva. Esta intervenção deu-se por ocasião da crise que terminou com a formação do Governo de Coalizão do Laos, quando as forças comunistas e chinesas ameaçaram atravessar o rio Mekong e invadir a Tailândia.

Nessa ocasião, os EUA enviaram à Tailândia dois regimentos de Fzo (5.000 homens) e aviões de combate. As demais nações enviaram con-

tingentes quase que simbólicos, cuja finalidade foi, apenas, configurar uma ação coletiva, retirando assim do bloco comunista a possibilidade de abrir as suas baterias de propaganda contra o intervencionismo norte-mericano. A Inglaterra enviou 8 aviões de combate, normalmente estacionados na Base Aérea de Tengah (Singapura); a Nova Zelândia representou-se por 3 aviões do 2º Esqd de Trnp de sua F Aé, que transportaram para a Tailândia 50 pára-quedistas neo-zelandeses, e a Austrália enviou 8 aviões de caça a jato. Os demais países-membros da OTASE não se fizeram representar. Mas as forças dos países partícipes já tiveram oportunidade de realizar algumas manobras conjuntas, dentre as quais podemos apontar o exercício naval "Sea Lion", realizado em maio de 1960, em águas tailandesas, o exercício aéreo "Air Bull", em março de 1961, e a "Operação Tulugan", que, em março de 1962, reuniu unidades navais e aéreas dos EUA, Austrália e Filipinas e um razoável contingente de tropas de desembarque da 3ª Divisão de Fzo norte-americana (Okinaw e do Exército filipino).